

POESIA DESCALÇA

A vida é uma pessoa sem medo no caminho. EDNARDO.

Nº 88 Ano 05 Recife, agosto/setembro de 2004 – Distribuição gratuita

POESIA DESCALÇA

Minha poesia
Nunca subiu degraus de editoras
Nem conheceu academias.
Ficou descalça,
Do lado de fora,
Sem sapato, sem meia,
Sem terno e gravata,
E sem caneta-tinteiro.
Minha poesia
Passeou pelos subúrbios
De ruelas esquecidas,
De bares escondidos,
De pracinhas quase desertas.
De dia, nas ruas,
Metia-se entre ônibus e gente,
Como os moleques que sentem fome
E roubam maçãs dos tabuleiros,
Pra depois apanharem da polícia.
Pra sobreviver,
Utilizou as canetas dos cambistas,
Dos garçons, dos caixeiros-viajantes,
E a astúcia das ratazanas de esgoto
Que suportam a sarjeta;
Superou o fedor da noite suja
Com o faro de vira-latas,
Com uma resistência de baratas.
Domou o frio e engoliu a fome
E vomitou tédio e solidão.
Viu o capitalismo comunicar suas letras
E vender seus símbolos,
Captados em antenas parabólicas.
Das catacumbas e subterrâneos,
Como fantasma vadio,
Saiu e visitou os corações dos desesperados,
Dos solitários,
Dos mendigos, dos bêbados e prostitutas,
Com uma voz que ora geme de tanta dor,
Que ora grita de tanta revolta.
E, pelos canais da cidade,
Pelas pontes desertas,
Pelos prostíbulos perdidos,
Ela se fez canção...
Uma canção captada pelos satélites
Russos e americanos
Que vagavam no mudo infinito.

JOCA DE OLIVEIRA

(ianomangue@elogica.com.br)

GRUPO DA VÁRZEA

R. Rodrigues Ferreira, 45
Ap. 801E, Várzea
CEP 50.810-020, Recife-PE
Fones: 9132-2422
3454-2699

jwvieira@br.inter.net
ianomangue@elogica.com.br

1.7.1

Dízimo e oração:
um pedaço de céu
cercado com arame farpado
e uma escritura da “prefeitura” na mão.

MALUNGO

MULHER COM TALCO

O aroma de teus cachos
está nas prateleiras.

A suavidade de teus pés
está nas prateleiras.

O frescor de tua pele
também está lá!

...

Sinto tua presença
em uma loja de cosméticos.

BRUNO CANDÉAS

PÃO DE POESIA

Tenho mulher e 5 minutos para um poema
Ela me espera para o casamento
Tudo é muito justo repartir tarefas
Mas eu sou caótico e corro contra o tempo

Tenho 3 minutos, mas ainda agora
Lendo um poema de Murilo Mendes
Um surrealista bebe a padaria
Mas pão de poesia padeiro não vende

Não tenho mais tempo
Vou morrer de raiva
Não tenho mais casa
Vou dormir na rua.

LUCIANO NUNES

(lnunes@apipucos.fundaj.gov.br)
enviado em 07/05/2004

Fiz um acordo de coexistência pacífica
com o tempo: nem ele me persegue, nem
eu fujo dele, um dia a gente se encontra.
(MÁRIO LAGO)

“Eu sou aquela mulher que fez a escalada
da montanha da vida, removendo pedras e
plantando flores.”
(CORA CORATINA)



DISTÚRBIOS

Toda vez que ouço você falar,
eu desço;
sempre que você não me perdoa,
eu peço;
toda vez que você passa,
cada asa que eu quebro,
o limite que ultrapassa...
você nunca cansa!

Toda vez eu nunca tenho escolha.
Sempre é você a resolver a rolinha.
Você nunca se atrapalha,
como eu nunca tenho sorte
e você sempre a saúde, este sorriso!!!
Como é que eu preciso destas coisas,
meu amor!

Como és sempre grandiosa
se te vejo sempre indo?
Como eu posso me conter
diante de tanto insulto?
E a idade... cada dia mais adulto.
Como eu posso ser criança
se este teu vulto não passa
na carcaça da retina
que te espera...
toda vez que eu penso nisso
acho que já está na hora,
toda vez é esta coisa
quando você vai embora.

WILSON VIEIRA

Recife, 24/07/04.

Todos que lutam pela sustentabilidade do planeta deveriam ler Ibsen. Em 1882, o dramaturgo norueguês escreveu *Um Inimigo do Povo*, libelo anarquista que narra as desventuras do médico de um balneário turístico que denuncia a contaminação das águas da cidade pelos curtumes da região. Ele descobriu que o tifo e outras doenças estavam se espalhando por causa da poluição e resolve denunciar o problema. Entretanto, enfrenta uma resistência violenta das autoridades e do conjunto da sociedade, que temem os prejuízos que poderiam ter. Não é de hoje, portanto, que se luta, sem sucesso, contra a destruição do nosso patrimônio natural.

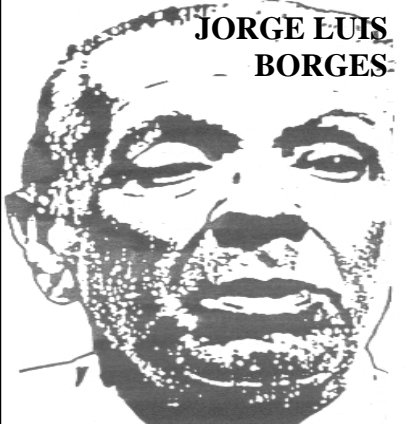
REGINA SCHARF.

AMARO CAMARAJIPE



MARCELO SCHMITZ



 <p>JORGE LUIS BORGES</p>	<p>UMA REVOLTA</p> <p>Quando o amor é grande demais torna-se inútil: já não é mais aplicável, e nem a pessoa amada tem a capacidade de receber tanto. Fico perplexa como uma criança ao notar que mesmo no amor tem-se que ter bom senso e senso de medida. Ah, a vida dos sentimentos é extremamente burguesa.</p> <p>CLARICE LISPECTOR</p>	<p>QUE PAÍS É ESSE?</p> <p>O presidente Lula é um cara legal, Mas só que ele acha que tá tudo normal.</p> <p>O salário mínimo é um absurdo Será que o presidente tá surdo?</p> <p>Ai meu Deus, o que vou fazer? Tá todo mundo criticando o governo do PT.</p> <p>E o pior é que eles estão certos até demais E o governo só quer mais e mais...</p> <p>BEBEL POSSAS (11 ANOS)</p>	<p>As pessoas têm de perceber... que ficar nu não é obscuro. O importante é sermos nós mesmos. Se todas as pessoas fossem o que são, ao invés de fingirem que são o que não são, existiria a paz. JOHN LENNON</p>
---	--	---	--

<p>XADREZ</p> <p>(Jorge Luis Borges)</p> <p>I</p> <p>Em seu grave rincão, os jogadores as peças vão movendo. O tabuleiro retarda-os até a aurora em seu severo âmbito, em que se odeiam duas cores. Dentro irradiam mágicos rigores as formas: torre homérica, ligeiro cavalo, armada rainha, rei postreiro, oblíquo bispo e peões agressores. Quando esses jogadores tenham ido, quando o amplo tempo os haja consumido, por certo não terá cessado o rito. Foi no Oriente que se armou tal guerra, cujo anfiteatro é hoje toda a terra. Como aquele outro, este jogo é infinito.</p> <p>II</p> <p>Rei ténue, torto bispo, encarniçada rainha, torre direta e peão ladino por sobre o negro e o branco do caminho buscam e libram a batalha armada. Desconhecem que a mão assinalada do jogador governa seu destino, não sabem que um rigor adamantino sujeita seu arbítrio e sua jornada. Também o jogador é prisioneiro (diz-nos Omar) de um outro tabuleiro de negras noites e de brancos dias. Deus move o jogador, e este a peleja. Que deus por trás de Deus a trama enseja de poeira e tempo e sonho e agonias?</p>	<p>REFLEXÕES DE UM EQUILIBRISTA</p> <p>A vida é que não seria Se uma rede houvesse Entre o solo e a corda bamba. Entre o solo de concreto e a corda Infinita Cem metros de puro vazio Que bem podem ser a escolha. Os braços abertos não são asas Só buscam a agonia do equilíbrio. Mas por que não ser um pássaro Por poucos segundos apenas Se, muito mais do que cair A grande queda é prosseguir?</p> <p>FRANCISCO CLÉOBULO TEIXEIRA</p>	<p>SAUDADE DO REI</p> <p>Eita saudade medonha Do filho de Januário, Da sua sanfona branca, O seu canto de canário.</p> <p>Do litoral ao sertão Eita saudade medonha Do nosso rei do baião.</p> <p>Volta Luiz, O teu povo está clamando A natureza está chorando De saudade de você.</p> <p>No meu sertão Tudo lá é muito triste Só porque não mais existe O nosso rei do baião.</p> <p>Vai Asa Branca, Vai por favor, Vai buscar esse poeta Sanfoneiro e cantor.</p> <p>DAVI TEIXEIRA (daviteix@hotmail.com)</p>	<p>Eunápio assim falou seus primeiros conceitos do estudo a que se prestara e ela apenas arranhou suas costas e gozou para dizer que a tudo estava entendendo. Não demorou muito e a quarta hora chegou trazendo o resultado em orgâsmos e delírios mútuos. Ninguém mente nestas horas de verdades guardadas, principalmente quando se estuda muito um corpo que não fala, mas diz. (Fragmento do conto: O QUE A LINGUA FAI A NÃO SE ESCREVER)</p> <p>Dn nascimento</p>
<p>ULTRAJE AO PODER</p> <p>Deixar o álcool, risco fatal Só comer galinha e peixe Acreditar em outras vidas Ver as placas de saídas Os não te vás e os não me deixes</p> <p>Conciliando o bem e o mal Com vegetarianas implicações Chega a velhice em carne e osso E atira desejos ao poço Das ausentes soluções</p> <p>EUNÁPIO MÁRIO (09.08.2004)</p>	<p>Creio no mundo como num malmequer, Porque o vejo. Mas não penso nele Porque pensar é não compreender...</p> <p>O mundo não se fez para pensarmos nele (Pensar é estar doente dos olhos) Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo... ALBERTO CAIEIRO</p>		
<p>Algumas mulheres pensam que um carro resolve tudo depois ficam grávidas</p> <p>MIRÓ E sem carona</p>			

<p>O poeta enxerga tanto ao ponto de depositar nas palavras as balas que de outra maneira jogariam seus miolos a dez metros de distância</p> <p>SILVANA MENEZES in Marginal Recife III</p>	<p>Suicídio etílico</p> <p>O poeta parecia não mais querer viver: tomou dez, tomou vinte, tomou todas. Esqueceu de tomar-se!</p> <p>CECÍLIA VILLANOVA</p>	<p>Eu sou um continente. Vibro com todas as coisas (de uma solteirona) Margem das Lembranças, de Hermilo Borba Filho</p>	<p>No primeiro debate entre candidatos à Prefeitura da Cidade do Recife, João Paulo foi questionado por não ter “municipalizado” o combate à violência. O problema da violência não é só do nosso município, ele é de caráter universal. É, ainda tem gente que faz política achando que o Recife é o quintal da casa dele. // Foi engraçado e patético ao mesmo tempo ver Heloísa Helena e Antônio Carlos Magalhães na mesma foto com uma ruma de gente do PFL, vibrando com quinze reais de aumento no salário mínimo. Pela foto, eu imaginei que o aumento tivesse sido de quinhentos reais.// Foi bom levantar a Copa América com o nosso time “B”. O time argentino assistia a tudo. Parecia que os jogadores deles estavam numa Missa.// Último mandamento: NUNCA TRAIJA. A traição é pior que a fome e o ódio. Alguns traidores, no entanto, são verdadeiros. Um certo cidadão, cansado da hipocrisia de certas pessoas que colocam DEUS É FIEL em todo lugar: camisas, carros, etc. deixou um recado na minha Caixa Postal: Deus é fiel, eu nem sempre o sou!!! BALAU, O PROFETA DA BOCA DO LIXO.</p>
<p>ANÔNIMO pessoas deixam marcas em outras pessoas que deixam marcas em outras pessoas que deixam marcas no mundo LARA</p>	<p>* Joca lança seu novo livro no Espaço Pasárgada, dia 03 de setembro de 2004, sexta-feira, a partir das 19h. Vale conferir!</p>	